

Oração semanal

(5ª-feira, Tempo Comum 15)

Serra do Pilar, 20 julho 2017

P. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo!

R. Ámen!

P. Senhor, vinde em nosso auxílio!

R. Senhor, socorrei-nos e salvai-nos!

P. Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo!

R. Como era no princípio, agora e sempre. Ámen!

Leitura do Evangelho de Mateus (5,38-42)

Ouvistes o que foi dito aos antigos: *Olho por olho e dente por dente*. Eu, porém, digo-vos: *Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser discutir contigo para te ficar com a túnica, dá-lhe também a capa. E se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas a quem te pedir emprestado.*

Salmo 25

**Todos os vossos caminhos são amor e verdade;
são amor e verdade!**

A ti, Senhor, elevo a minha alma;

em ti confio, Senhor, meu Deus!

Os que esperam em ti não serão confundidos;

sejam-no, sim, os que te atraíçoaam!

Ensina-me, Senhor, o teu caminho;

dá-me a conhecer uma rota segura e verdadeira!

Dirige-me com a tua Verdade e ensina-me,

pois tu és o Deus que me salva!

Todo o dia eu espero em ti, ó meu Deus,

pois conheço a tua Bondade, Senhor!

Tenho sempre presente a tua amizade,

a ternura de que rodeias os teus amigos!

Esquece, ó Senhor, a minha revolta

e os pecados da minha juventude;

em nome do teu amor, não me esqueças a mim!

Ensina-me, Senhor, os teus caminhos!

O Senhor é bom e justo,

por isso ensina o caminho aos pecadores;

os humildes guia-os na justiça
e dá-lhes a conhecer os seus caminhos!

Os caminhos do Senhor são Amor e Verdade
para quem guarda a Aliança e seus preceitos.
Por amor do teu Nome, Senhor,
perdoa o meu pecado, que é tão grande!

Onde está um homem que leve o Senhor a sério?
Ele lhe ensinará o caminho a seguir!
A sua vida encontrará felicidade
e os seus filhos possuirão a terra!

Os meus olhos estão sempre no Senhor,
porque ele me livra de todas as armadilhas.
Volta-te para mim, Senhor, compreende-me,
que eu sinto-me só e abandonado!

Afasta a angústia do meu coração
e liberta-me dos meus tormentos!
Vê a minha miséria e o meu sofrimento
e perdoa todos os meus pecados!

Guarda a minha vida e salva-me;
eu confio em ti, não me deixes ficar mal!
Tu és a fonte da minha retidão,
tu és a minha única esperança!

Livra, ó Deus, Israel de todas as suas angústias!
Glória ao Pai, que tanto nos amou,
e ao Filho, que no-lo revelou;
Glória ao Espírito, que é o próprio Amor de Deus!

A luta não violenta pela justiça

Todas as esperanças do Povo estavam postas na intervenção poderosa de Deus, que haveria de impor a sua justiça pela destruição dos inimigos de Israel. A ninguém passava pela cabeça pensar de outro modo, tendo em conta as promessas dos profetas e as expectativas dos escritores apocalípticos. Contudo, a experiência de Jesus era diferente. Deus amava a justiça, mas não era destruidor da vida, mas antes curador. Não rejeitava os pecadores, mas desejava acolhê-los e perdoar-lhes. A justiça haveria de chegar, mas não seria porque Deus a impusesse de maneira violenta, destruindo os que se lhe opusessem.

A atitude de Jesus chocava frontalmente com a mentalidade geral. Era-lhe impossível acreditar num Enviado de Deus que viesse para fazer guerra contra os romanos, nem esperava nada dos levantamentos violentos contra o Império, nem dava ouvidos aos apocalípticos que alimentavam no povo a esperança de uma vingança iminente de Deus, nem compreendia os essênios que viviam no deserto a preparar-se para a guerra final contra "os filhos das

trevas". A chegada de Deus não podia ser violenta nem destruidora. Pelo contrário, ela significaria a eliminação de qualquer tipo de violência entre as pessoas e entre os povos. Por isso, Jesus não fazia mais que lançar um repto às diferentes formas de violência, sem jamais usar a violência que destruíra o outro. O seu modo de agir não era destruir, mas curar, restaurar, abençoar e perdoar. Era assim que ia fazendo renascer no mundo o reino de Deus. Portanto, se Deus não viria como um guerreiro para derrotar os romanos e se não interviria violentamente para vingar o Povo dos seus inimigos, para fazer justiça aos seus pobres, que se havia de fazer? Submeter-se aos opressores de Roma? Aceitar a injustiça dos latifundiários? Calar-se perante os abusos do templo? Abandonar para sempre a esperança num mundo justo? Como se poderia ir tornando realidade o reino de Deus face a tanta injustiça? Desde a perspetiva que tinha de um Deus não violento, Jesus propunha uma prática de resistência não violenta à injustiça. O que havia a fazer-se era viver em união com esse Deus, cujo coração não era violento, mas compassivo. Os seus filhos e as suas filhas deveriam parecer-se com ele, mesmo quando lutassem contra os abusos e contra as injustiças.

A sua linguagem ainda hoje é escandalosa. Jesus não dava ordens nem preceitos. Simplesmente sugeria uma maneira de agir que roçava os limites do possível. E fazia-o propondo algumas orientações concretas que ilustravam graficamente a maneira de reagir contra o mal: "Não oponhais resistência ao mau. Mas, se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a outra. Se alguém quiser pleitear contigo para te tirar a túnica, dá-lhe também a capa. E se te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, caminha com ele duas".

A proposta corresponde perfeitamente à maneira de Jesus agir e parece ser uma determinada audácia, capaz de erradicar do mundo a injustiça sem cair na violência destruidora. Com isso, Jesus não estava a fazer a apologia da passividade. Também não propunha a indiferença nem a rendição cobarde à injustiça. Convidava, antes, a dominar a situação tomando a iniciativa e fazendo um gesto positivo de amizade e de graça, que poderia surpreender o adversário.

Jesus encorajava a reagir com dignidade, criando uma situação nova que tornasse mais visível a injustiça e obrigasse o violento a refletir e, talvez, a abandonar o seu propósito. Não se tratava de fazer o papel de vítima, mas de seguir uma estratégia amigável que fosse suficiente para parar uma escalada de violência. Talvez Jesus não pensasse tanto na reação do adversário quanto na capacidade de cada um de não responder à letra ao agressor, mas em ir exatamente no sentido oposto. Essa seria, para Jesus, a posição mais digna de quem quisesse entrar no reino de Deus.

Segundo consta, o bater na face direita era uma prática bastante comum para humilhar os subordinados. Os patrões batiam impunemente aos escravos, os latifundiários aos seus servos, os maridos às mulheres. Quem se atreveria a protestar? O normal era aceitar a humilhação e submeter-se resignadamente aos abusos dos poderosos. Mas Jesus pensava de maneira diferente. Não seria melhor reagir de uma maneira inesperada para ele? "Quando alguém te esbofeteie na face direita, não percas a dignidade perante

o teu agressor, olha-o nos olhos, rouba-lhe o poder de te humilhar, oferece-lhe a outra face, faz-lhe ver que a sua agressão não teve efeito nenhum sobre ti, que continuas a ser tanto ou mais humano que ele".

Porque não reagir assim em situações semelhantes? "Se alguém pretender roubar-te a túnica com que cobres o corpo, dá-lhe também a capa que levas em cima. Apresenta-te assim diante de todos, despido, mas com dignidade. Que o ladrão fique em ridículo e todos possam ver até onde chegou a sua ambição". Imaginemos outra situação. Suponhamos que, numa ocasião qualquer, os soldados ao serviço de Roma obrigavam alguém a transportar um peso ao longo de uma milha; "porque não mostrar-se disposto a continuar ainda mais outra milha?". Assim, ficaríamos desarmados porque, segundo a lei romana, era proibido obrigar quem quer que fosse a fazê-lo por mais de uma milha. Não seria uma grande vitória contra Roma, mas mostrava-se assim dignidade e capacidade de rejeição contra uma injusta opressão.

O reino de Deus exigia a organização do mundo não no sentido da violência, mas no do amor e da compaixão. Jesus não estava a pensar, com certeza, numa transformação mágica daquela sociedade injusta e cruel que tão bem conhecia e cujo poder brutal ele bem depressa experimentaria na sua própria carne. O que ele talvez quisesse era preparar as minorias radicais e insatisfeitas, que, afastando-se da tendência mais comum, pudessem libertar aquelas gentes da violência quotidiana que facilmente se apoderava de todos. Jesus pensava em homens e mulheres que entrariam na dinâmica do reino de Deus com um coração não violento, que enfrentariam as injustiças de forma responsável e corajosa, desmascarando a falta de humanidade de toda e qualquer sociedade que tenha por base a violência e viva indiferente ao sofrimento das vítimas. Esses haveriam de ser as verdadeiras testemunhas do reino de Deus no meio de um mundo injusto e violento. Não seriam muitos. Somente umas minorias dispostas a agir como filhos e filhas do Deus da compaixão e da paz. Não é de crer que Jesus estivesse a pensar em grandes instituições. Os seus seguidores seriam como a "semente da mostarda" ou o pedacinho de "fermento". A vida deles, porém, quase sempre crucificada, seria uma luz capaz de anunciar o mundo novo de Deus de maneira clara e aceitável.

(José Antonio Pagola. *Jesus, uma abordagem histórica*, pág. 272-275)

Oremos:

Inicia-nos, ó Pai, e forma-nos
na Largura, Altura e Profundidade
do mistério de Cristo.

Ele foi-nos dado e veio,
para que, com ele e como ele,
caminhássemos para Ti,
rumo ao Banquete que preparaste para os que te amam.
Por Ele, Jesus, teu Filho e nosso Irmão, to pedimos,
na Unidade do Espírito Santo.

Amém!